

caso de Balaão, foi a sábia jumenta fêmea que salvou três vezes a vida de seu dono (o que lhe valeu como recompensa algumas varadas) por possuir conhecimentos que Balaão, embora vidente, não possuía. Ela simboliza a sabedoria do corpo, tantas vezes desvalorizada e reprimida. Em lugar de respeitá-la, nós maltratamos o corpo e tentamos forçá-lo a atender às solicitações do ego.

O corpo sabe com frequência o que mais lhe convém e, se pudéssemos compreender sua linguagem, nossas vidas e nossa compreensão se enriqueceriam. Segundo parece, são as mulheres, pelo menos nestes nossos tempos, que mais se dispõem a ouvir respeitosamente os segretos murmúrios do corpo.

3) O jovem rico

O jovem rico perguntou o que deveria fazer para herdar a vida eterna e Jesus lhe apontou a Lei: obedeça aos Dez Mandamentos. Tinha sido este o seu costume, declarou o jovem rico, desde a infância. Jesus disse-lhe que, para ser perfeito, faltava então uma coisa: distribuir sua fortuna entre os pobres e segui-lo. Com isto o semblante do jovem se abateu e ele se afastou tristemente "porque ele era um homem de grande fortuna".¹⁴

Psicologicamente, dar dinheiro aos pobres sugere voltar a atenção para as partes não desenvolvidas de nossas personalidades. Mas o que nos ajuda a abrir o nosso caminho no mundo são as nossas funções adaptadas. Nós colocamos na frente o nosso lado mais apto e guardamos para nós as nossas inferioridades. A sociedade está orientada para as metas. Ela não recompensa nem as inferioridades e nem mesmo o esforço honesto sobre as mesmas, a não ser que elas se convertam em habilidades ou talentos. Isto geralmente não ocorre. Na trajetória habitual da vida, o que era originalmente superior em nós continua assim, o mesmo acontecendo com nossas inferioridades. O máximo que podemos esperar é que nossas inferioridades deixem de nos atrapalhar. (É preciso reconhecer que a superação das mesmas aumenta a nossa auto-estima e, com isso, a nossa autoconfiança, o que por sua vez faz com que o mundo reavalie e melhore o conceito que faz de nós.

Referindo-se a este assunto, escreve Jung: "*A priori*, a pessoa não tem nenhuma pretensão a qualquer tipo de estima."¹⁵ A recompensa por

trabalharmos sobre nós mesmos geralmente só é encontrada no mundo interior, em nossos sentimentos subjetivos a respeito de nós mesmos. Esses sentimentos podem ser considerados sem nenhum valor ou dotados de um valor supremo, dependendo do fato de ser extrovertido ou introvertido o nosso ponto de vista. O extrovertido extremado também busca sentir-se bem, mas consegue esse objetivo indiretamente, ao obter o reconhecimento da sociedade. O estado subjetivo do indivíduo reflete então essa percepção pelos outros. Na realidade, para alguns psicólogos, isto constitui uma definição da auto-estima.

Voltemos ao nosso texto: Jesus fala então da dificuldade para um rico entrar no reino dos céus. Interpretado psicologicamente, quer isto dizer que, voltar-se para o mundo interior (uma introversão da libido), requer um desligamento do mundo exterior, "real". De acordo com a propensão extrovertida do Ocidente, isso inevitavelmente deve ser sentido como uma perda.

Jesus diz que não se pode servir a dois senhores, Deus e Mamom.¹⁶ Tomar a própria cruz e seguir a vereda da experiência interior resulta numa perda de energia que seria usada no mundo exterior e num conseqüente descaso pela realidade exterior, o que sempre há de custar o seu preço.

Reiteradamente, nas Escrituras, faz-se distinção entre o mundo exterior e o mundo interior, entre o reino de César e o reino de Deus. Esses mundos são igualmente reais e igualmente válidos. Mas a nossa sociedade investiu todo o valor no mundo exterior. De modo que o mundo interior se encontra num estado de sofrimento e incúria, simbolizado pela figura triste de Cristo. Na Índia, uma sociedade que tradicionalmente enfatiza o valor da vida interior, a vida exterior é que está sujeita a ser negligenciada, como deixa transparecer a difusão das moléstias, da miséria e do empobrecimento. A opulência simboliza a aprovação mundana, o que geralmente leva à auto-satisfação, mais do que a um auto-exame. Sabe-se bem que o sucesso pode se tornar um obstáculo ao futuro desenvolvimento de um artista. (Esta oposição entre sucesso e criatividade talvez explique a persistência da imagem do pobre artista lutador.) São as dificuldades, as derrotas e as perseguições que parecem preencher melhor as condições para a transformação psíquica.

Do ponto de vista do mundo interior, por conseguinte, deveríamos acolher de bom grado a experiência de nos defrontarmos com nossos